

# Autismo e linguagem: discussões à luz da teoria da enunciação

Isabela B. do Rêgo Barros\*

## Resumo

O autismo é tido, de acordo com a Classificação Internacional de Doenças em sua décima edição (CID-10), como um transtorno global do desenvolvimento com características peculiares manifestas antes da idade de três anos: aversão social, estereotípias motoras, dificuldade no uso da imaginação, desvios significativos na linguagem. Desde sua inserção nos anais científicos em 1943, após a publicação do artigo *Autistic Disturbance of Affective Contact*, do psiquiatra Leo Kanner, é habitual nos estudos sobre o autismo descrever e classificar a linguagem de acordo com sua presença (ecolalia) ou ausência (mutismo ou sons estereotipados), desconsiderando o contexto situacional, a possibilidade de sentidos e a sua singularidade. Neste estudo, apresentamos o autismo sob a perspectiva da Linguística da Enunciação, tomando como referência Émile Benveniste, e, por meio da linguagem de uma criança autista, sete anos de idade, em intervenção fonoaudiológica, tivemos como objetivo encontrar as marcas de um sujeito linguístico, o qual faz uso da língua e se enuncia no ato da fala. Verificamos que é fundamental na clínica fonoaudiológica voltada para o tratamento da pessoa autista que, inicialmente, o fonoaudiólogo assuma o lugar de interlocutor do autista, a quem a linguagem fragmentada possa ser dirigida, para que as marcas enunciativas possam ser estabelecidas, e o eu (do autista) possa se construir através do jogo de oposições e alternâncias entre o eu e tu no discurso.

**Palavras-chave:** autismo, linguagem, enunciação

## Abstract

Autism is perceived, according to the International Classification of Diseases in its tenth edition (ICD-10), as a pervasive developmental disorder with particular characteristics manifested before the age of three years: social disgust, motor stereotypies, difficulty in using imagination, significant deviations in language. Since its inclusion in the scientific annals in 1943, after the publication of *Autistic Disturbance of Affective Contact*, psychiatrist Leo Kanner, it is usual in studies of autism to describe and classify the language according to their presence (echolalia) or absence (or silence sounds stereotypical), ignoring the situational context, the possibility of meaning and its uniqueness. In this paper we present the autism from the perspective of the Utterance of Linguistics, by reference to Emile Benveniste, and through the language of an autistic child, seven years old, in speech therapy intervention, we aimed to find the marks of a subject language, which makes use of the language and is enunciated in the act of speech. We found that during speech therapy on autistic person, it is essential that initially the therapist takes the place of speaker, to whom the fragmented language can be directed so that the marks of enunciation can be established, and the ego (the Autistic) can be built through the play of oppositions and alternations between you and the ego in speech.

**Keywords:** autism, language, enunciation

\* Mestre em Ciências da Linguagem. Doutoranda em Letras. UFPB.

## Resumen

*El autismo es percibido, de acuerdo a la Clasificación Internacional de Enfermedades en su décima edición (CIE-10), como un trastorno generalizado del desarrollo con características particulares manifiestan antes de la edad de tres años: la repugnancia social, estereotipias motoras, dificultades en el uso de imaginación, desviaciones significativas en el lenguaje. Desde su inclusión en los anales científicos en 1943, después de la publicación de autista Trastorno de Afecctive contacto, psiquiatra Leo Kanner, es habitual en los estudios sobre el autismo para describir y clasificar el idioma de acuerdo a su presencia (ecolalia) o ausencia (o el silencio sonidos estereotipadas), ignorando el contexto situacional, la posibilidad de sentido y su singularidad. En este artículo presentamos el autismo desde la perspectiva de la Expresión de la lingüística, en función de Emile Benveniste y, a través del lenguaje de un niño autista, de siete años en la intervención logopédica, que tuvo como objetivo conocer las marcas de un lenguaje objeto, que hace uso de la lengua y se enuncia en el acto de habla. Hemos encontrado que la terapia del habla es esencial para enfrentar el tratamiento de la persona con autismo que en un principio, el audiólogo tomará el lugar del que habla autistas, a quienes el lenguaje fragmentado puede ser dirigido para que las marcas de la enunciación se puede establecer, y yo (el Autistas) se puede construir a través del juego de oposiciones y alternancias entre tú y yo en el habla.*

**Palabras claves:** autismo, lenguaje, enunciación

As primeiras publicações sobre o Autismo, datadas de 1943, após as pesquisas do psiquiatra austríaco Leo Kanner<sup>1</sup> sobre o comportamento de onze crianças com idades entre dois e onze anos, atendidas no *Johns Hopinks Hospital*, Estados Unidos, surgiram mergulhadas num contexto marcado pela Linguística Estrutural Americana, preocupada em descrever as normas que regem a língua culta e explicar como se dá seu funcionamento, ou seja, como os homens estabelecem a comunicação.

O conceito de linguagem enquanto ato comunicativo, característico desse período, que a reduz a um instrumento subserviente aos homens para exercer seu papel social, influencia os estudos sobre o Autismo, marcados pelos trabalhos de identificação dos **aspectos formais da linguagem** (estrutura) com destaque para os **aspectos funcionais**<sup>1</sup> (exercício).

Os sons, o mutismo e a ecolalia dos autistas foram enquadrados em postulados que os atestavam como linguagem ou não linguagem, sendo determinantes para caracterizar o comportamento

do autista e a postura isenta do seu interlocutor diante daquelas produções.

Assim, sob o ponto de vista vigente, impera a concepção de inexistência de linguagem no Autismo, com base na idéia de linguagem enquanto comunicação:

Porém, a linguagem que adquirem não serve, em princípio, como meio de comunicação. Os nomes não oferecem dificuldades (...). No que se refere à linguagem como meio de comunicação, não há nenhuma diferença entre as crianças que falam e as mudas. E às vezes os mudos surpreendem os observadores pronunciando palavras soltas. (Kanner, 1966, p.721)<sup>2</sup>

Entretanto, não é nossa intenção discutir os méritos que levaram alguns pesquisadores ao longo dos anos a comungarem da concepção de que não há linguagem ou sujeito no Autismo baseados em diferentes teorias linguísticas, psicológicas, sociológicas ou psicanalíticas. Apoiados na Linguística da Enunciação e concebendo a existência da linguagem no Autismo, apresentamos esse transtorno

<sup>1</sup> Função emotiva, função conativa, função metalingüística, função referencial, função fática e função poética. (Jakobson, Roman. Linguística e comunicação. 20 ed. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1995).

<sup>2</sup> Tradução de responsabilidade da autora do texto, do original: Pero el lenguaje que adquieren no les sirve al principio como medio de comunicación. Los nombres no ofrecen dificultades (...) Por lo que atañe al lenguaje como medio de comunicación, no hay ninguna diferencia entre los niños que hablan y los mudos. Y a veces los mudos sorprenden a los observadores pronunciando palabras sueltas.

do comportamento na perspectiva da linguagem enquanto lugar de constituição do sujeito e espaço para subjetividades.

Essa idéia nos leva a perceber o Autismo como um modo particular de estar na linguagem, lugar de possibilidades para o encontro com um sujeito linguístico, isto é, o locutor, aquele que, de acordo com Benveniste<sup>2</sup>, ao falar identificando-se como *eu* no discurso, se apresenta como sujeito<sup>3</sup>.

O autista se apropria da língua e se mantém preso a ela por meio de um discurso ecolálico<sup>4</sup>. Todavia, ao fazer recortes do discurso de outrem, age sobre a língua e atua na linguagem. O mesmo ocorre com o autista que não fala: ao não esboçar aparente reação, repulsar ou ignorar o discurso do interlocutor, o autista emite uma resposta a algo que foi enunciado e se enuncia, posto que reage a algo exterior a ele. Em ambos os casos, há uma apropriação da língua e uma transformação individual em um discurso classificado como ecolálico ou como um não-discurso.

Logo, entendemos que, no Autismo, o tema linguagem está enraizado em duas problemáticas.

A primeira é tomada a partir da concepção de linguagem como comunicação, fruto das teorias linguísticas dominantes na época dos primeiros escritos sobre o Autismo, visto que é evidente nesse transtorno do comportamento a dificuldade no uso de um código linguístico ou não linguístico. Nessa ótica poderíamos pensar na possibilidade de uma não-linguagem no autismo: se não comunica, não tem linguagem.

Entretanto, isso é questionado quando consideramos a linguagem como um índice de constituição do sujeito.

Conceber uma não linguagem é conceber a existência de um **não sujeito**, nunca falado por um outro, nunca imaginado, nunca projetado, nunca posto na linguagem, é identificar algo da ordem do impossível.

(...) não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um

homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem. (Benveniste, 2005, p.285)<sup>2</sup>

Diante dessa afirmação de Benveniste, acreditamos que pensar em uma ausência de linguagem no Autismo é afirmar que o autista não é humano e, se não é humano seria comparável a um animal. Discurso esse confirmado, a seguir, por Cavalcanti e Rocha<sup>3</sup> na síntese do pensamento de alguns pesquisadores que se referem ao Autismo:

Uma rápida incursão na lista dos traços tomados como sintomas indicadores do autismo no campo da psiquiatria infantil nos levaria a concluir que essas crianças não são gente, pois não têm linguagem, não falam e quando falam são papagaios: suas falas são repetitivas e não têm sentido. (idem, p.55).

Nesse ponto reside a segunda problemática: a posição assumida pelo interlocutor diante das produções linguísticas verbais e não-verbais do sujeito autista, negando-lhe a possibilidade de **subjetivação**. Ou seja, não se percebe um movimento ou possibilidade de constituição do sujeito, contrariando-se a premissa de que o sujeito é efeito da linguagem, efeito de um discurso constitutivo.

No Autismo há uma pessoa que se apresenta através de uma linguagem marcada por faltas, ora no mutismo ora na fala estereotipada, que emerge como sujeito, mas que não é percebido como tal. Essa postura diante do autista dificulta a tomada de consciência de si mesmo por meio da oposição do par *eu/tu* no discurso, posto que *lhe* é obliterado o direito de comungar do espaço intersubjetivo advindo nos enunciados.

É identificando-se como *eu* no discurso que o locutor, expressando sua subjetividade, se propõe alternadamente como sujeito<sup>2</sup>. Assumir tal premissa diante do discurso de uma pessoa autista permite que reconheçamos as marcas de um sujeito e seu processo enunciativo.

Tomemos o exemplo a seguir:

**Criança:** pichu, pichu, pichu, pichu

**Fonoaudióloga:** Que foi? **Tu** tá feliz é?

**Criança:** UUIIIIIIIII

<sup>3</sup> Ressaltamos que não é objeto da Linguística da Enunciação estudar o sujeito, mas as marcas do sujeito no enunciado.

<sup>4</sup> A ecolalia se refere ao emprego aparentemente descontextualizado das palavras, do discurso ou de trechos do discurso de outrem, anteriormente apreendidos, sem referência evidente. Podendo ocorrer imediatamente após a emissão de uma palavra pelo interlocutor, de maneira mediata quando ocorre tardiamente ou mitigada quando sofre pequenas alterações sem que se saiba o porquê da emissão dessa fala em algumas situações específicas.

**Fonoaudióloga:** Que foi Estênio<sup>5</sup>?

**Criança:** tchili AEEE (a criança bate com uma peça de dominó sobre a mesa)

**Fonoaudióloga:** Vai fazer uma fileira pro carro passar é?

Apesar da dificuldade em estabelecer um diálogo, os balbucios e as vocalizações da criança são interrompidos, colocando-a no lugar do locutor, independente se a fala será compreendida. Aqui, o que está em jogo inicialmente, é a aceitação da posição de sujeito dada ao autista por seu interlocutor.

No momento em que se marca no diálogo o turno da fala da criança, estabelecendo seu lugar, com o uso do pronome *tu* e a chamada ao *nome próprio*, firma-se a identidade possibilitando o campo para a constituição da linguagem. Esse fato é corroborado pela afirmação de Lacan<sup>4</sup> sobre a importância do *tu* enquanto fundadora da posição de dois sujeitos: “esta palavra é uma fala que o empenha”. (Lacan, idem, p.47)<sup>4</sup>

Estamos diante de uma aposta no sujeito para encontrar algum sentido na linguagem da pessoa autista, o que, de certa maneira, é uma tarefa árdua pensar em significação frente à linguagem de um autista.

A noção de significação, muitas vezes, nos remete à noção de controle, em virtude da necessidade de encontrar um sentido único e verdadeiro para as expressões ou fala. Ora, em uma cadeia dialógica há sempre os sentidos ocultos que escapam aos sujeitos ali implicados e não retornam ao diálogo, e isso não seria diferente no Autismo.

Analisemos o trecho a seguir:

**Fonoaudióloga:** /.../ O que é que **você** quer? Qué que **você** quer? Essa caixa?

**Criança:** Caixa

**Fonoaudióloga:** Ou aquele outro jogo?

**Criança:** (incompreensível)

**Fonoaudióloga:** Qual **você** quer? A caixa ou o jogo?

**Criança:** Caixa ou o jogo?

**Fonoaudióloga:** Quer qual?

**Criança:** Quer qual?

**Fonoaudióloga:** Qual **você** quer Estênio, diga: a caixa ou o jogo?

**Criança:** O jogo

**Fonoaudióloga:** O jogo? Certo. Vamos pegar o jogo tá?

**Criança:** Tá?

**Fonoaudióloga:** Tome o jogo

Na tentativa de controlar o discurso do outro, percebemos a ecolalia da criança autista sendo utilizada por seu interlocutor para a construção de uma cadeia dialógica, no instante em que atribui significados aos recortes ecolálicos apresentados pela criança como sendo uma resposta aos questionamentos.

Nesse caso, podemos configurar a existência de um diálogo? Podemos pensar em um enunciado do sujeito autista?

De acordo com Flores et al.<sup>5</sup>, Benveniste considera que o jogo verbal, tal qual o exemplo acima, não comporta objeto ou finalidade, é, tão somente, uma troca de falas estereotipadas. Segue afirmando que o diálogo “é uma troca verbal entre interlocutores movida por um interesse comum ou intersubjetivo.” (idem, p.81) Nesse trecho, parece haver apenas o interesse da fonoaudióloga na construção de um diálogo, ao conter a deriva da ecolalia e segurá-la em uma troca de turnos de acordo com seu objetivo pessoal.

A importância do fato reside na postura assumida pela fonoaudióloga diante da ecolalia da criança. Ao propor-se como interlocutor de um autista, considera a existência da alternância entre os pares *eu/tu* no trecho, e a conseqüente possibilidade de subjetivação.

Possibilita-se, dessa maneira, que o autista assumo o lugar de *eu*, constituindo um discurso, mesmo que falho. Dá-se o valor de enunciado ao trecho, visto que ocorreu, em cada momento da fala, mobilização da língua pelos locutores durante um tempo e espaço definidos. De outro modo, eleva-se o autista à categoria de sujeito.

Lembremos que para Benveniste não há sujeitos ou subjetividades anteriores à linguagem, há, tão somente, interlocutores<sup>6</sup>.

Nesse ponto de vista, percebemos a influência das considerações psicanalíticas lacanianas ao fazer alusão a subjetividade e constituição do sujeito, uma vez que Lacan menciona que no momento em que o Outro<sup>6</sup> nomeia e estabelece um lugar na linguagem, o sujeito se constitui enquanto tal.

<sup>5</sup> Foi utilizado um nome fictício para salvaguardar a imagem da criança apresentada nesse estudo.

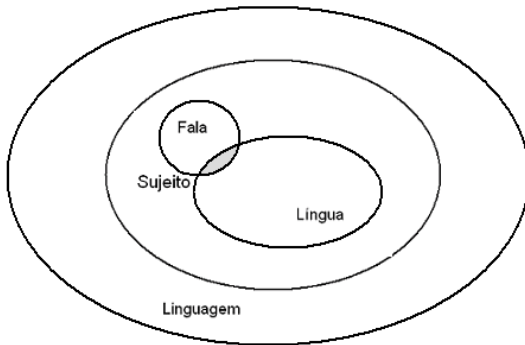
<sup>6</sup> Termo utilizado por Lacan para designar um lugar simbólico que determina o sujeito, em alguns momentos de maneira externa a ele e em outros de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo. Pode ser grafado simplesmente com letra maiúscula,

(...) a linguagem, com sua estrutura, preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental.

(...)

Também o sujeito, se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio. (Lacan, 1998, p.498)<sup>7</sup>

Apoiados na Linguística da Enunciação, afirmamos que na linguagem a posição de sujeito está no intermédio entre a língua e seu uso de maneira particular na fala, ou seja, o sujeito é o ponto de intersecção dessas duas categorias linguísticas mencionadas por Saussure<sup>7, 8</sup>



A falha na linguagem do autista encontra-se, sobretudo, na inexistência, vinda do outro externo ao sujeito, de um olhar diferenciado voltado para a possibilidade de articulação da linguagem sobre a forma *eu/tu*, fechando e adjetivando como deficitária a linguagem do autista no nível da fala e/ou da língua, impossibilitando o encontro com a significação.

Essa é encadeada em um processo que também envolve as substâncias extralinguísticas (gestos, expressões, contexto), fundamentais quando se está diante de um autista, o que torna para Benveniste a noção semântica muito mais complexa que uma noção puramente estrutural ou descritiva da linguagem, uma vez que apenas os envolvidos no processo discursivo podem defini-la<sup>9</sup>.

opondo-se ao termo escrito com minúscula que designa um outro imaginário ou lugar de alteridade especular ou ainda, ser escrito como grande Outro ou grande A, opondo-se ao pequeno outro ou ao pequeno a, respectivamente (Roudinesco, Elisabeth; Plon, Michel. Dicionário de Psicanálise. Trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998).

<sup>7</sup> Saussure define a língua como um sistema arbitrário, um produto de convenções sociais adotadas para permitir o exercício da linguagem nos indivíduos. Ela é fundamental para que a fala seja compreendida e essa é necessária para que a língua se estabeleça, mas são duas coisas absolutamente distintas.

É o emprego das palavras que definem seu significado no contexto. Há uma espécie de “acordo velado” entre os parceiros de um discurso, que orienta, a cada mudança de turno, a construção do diálogo baseado no direcionamento interpretativo dado aos enunciados.

Logo, perceber a Enunciação de um sujeito linguístico marcado pelo Autismo, torna-se possível quando identificamos a apropriação e a atualização da língua pelos sujeitos envolvidos.

**Fonoaudióloga:** Tu quer me **contar** uma história? Quer? (a fonoaudióloga apresenta à criança alguns livros infantis)

**Criança:** Quer? (a criança pega e derruba as peças de um jogo sobre a mesa)

eeeeeeEEEEEEE (incompreensível)

**cinco seis sete oito**

No trecho acima, poderíamos mencionar a ocorrência de uma Enunciação por parte da criança? Acreditamos que sim ao perceber o movimento realizado pelo sujeito diante do enunciado do seu interlocutor: a criança apropria-se da língua ao fazer uso de signos linguísticos comuns aos sujeitos e atualiza-os ao interpretar a palavra **contar** usada pela fonoaudióloga como sinônimo de falar, mencionar, relatar, expressando-a com a idéia de **enumerar**, contextualizada com a derrubada das peças do jogo na mesa e início da contagem.

Não é necessária a presença concreta dos pronomes *eu/tu* para garantir a subjetividade e o encontro das marcas do sujeito na linguagem. Lembremos que Benveniste não faz referência ao uso dos pronomes *eu/tu* rementendo-os “à “realidade” nem a posições “objetivas” no espaço ou no tempo, mas à enunciação”.<sup>2</sup> Ou seja, ao fato do locutor apresentar-se subjetivamente no discurso ora como *referência de* (eu), ora como *referência para* (tu).

Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa por *eu*. (idem, p.286)

A linguagem no Autismo, do ponto de vista da Linguística da Enunciação, configura-se como um espaço vivo para a constituição e estruturação do sujeito preso a um corpo esfacelado e marcado pelos discursos carregados de impossibilidades característicos desse transtorno do desenvolvimento.

Flores<sup>5</sup> lembra que quando se trabalha sob a ótica da Enunciação é imprescindível tomar uma postura diante do sujeito que enuncia, visto neste estudo como marcas precisas no sistema linguístico: o aparelho formal da enunciação<sup>8</sup>.

/.../

**Fonoaudióloga:** Não. Aí você não mexe não, que aí você leva choque. Não. Desligar a luz, Estênio? A gente vai ficar no escuro. Pronto tá no escuro agora. Tudo escuro. **E agora? E agora?**

**Criança: Vai pega essa luz.**

**Fonoaudióloga:** Tu tem que **ligar**. Não foi tu quem desligou? Eu não vou **pegar** não. Tu vai **ligar** a luz. É **ligar** a luz.

**Criança:** Tia, **acende** a luz (a criança fala baixinho)

**Fonoaudióloga:** Ah! Você quer ajuda? Certo. Eu **acendo**. (a fonoaudióloga acende a luz)

**Criança:** iiiiiiiiii

**Fonoaudióloga:** Pronto **acendi**.

**Criança:** IIIIIIIIIII

Percebemos que, durante a ação de ligar e desligar o interruptor de luz, os locutores envolvidos nessa atividade, ao apropriarem-se do aparelho formal da enunciação, produzem discursos singulares em detrimento a outros que se perdem na opacidade da linguagem, os quais não serão retomados, posto que é no aqui e agora que as estratégias discursivas são criadas na construção de um diálogo.

A língua é posta em exercício o que inclui as vocalizações da criança autista significadas como a partícula afirmativa “sim” (iiiiiii = sim).

Segundo Rêgo Barros<sup>10</sup>, quando se está diante de um autista, é necessário mais que ouvir e sim escutar, mais que ver e sim enxergar o sujeito ali implicado nos possíveis enunciados, através de um olhar cuidadoso voltado para a linguagem, com a intenção de instituir um lugar para o autista.

Posto dessa forma, admitir que a linguagem não é transparente e carrega consigo significações escondidas por uma cortina de significantes, dá ao autista a chance de suas manifestações lingüís-

ticas e não lingüísticas serem percebidas como enunciados constitutivos de um sujeito marcado pelo Autismo.

Dessa maneira, a concepção de linguagem vai além da comunicação, ferramenta de interação ou ação sobre o meio, como defendem algumas teorias lingüísticas e psicológicas. Costurando sentidos, toma-se a linguagem, de acordo com a Linguística da Enunciação, para marcar a existência de um sujeito, aqui estudado um sujeito autista, cujas produções lingüísticas (ecolalias, balbucios, vocalizações) lançam-se ao exterior na ânsia de um norte e, muitas vezes, encontram, por fim, o vazio da não-significação.

## Referências

1. Kanner, Leo. Psiquiatria infantil. Buenos Aires: Paidós e Psique, 1966.
2. Benveniste, Émile. Problemas de lingüística geral I. 5 ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas, SP: Pontes, 2005.
3. Cavalcanti, Ana Elizabeth; Rocha, Paulina Schmidtbauer. Autismo: construção e desconstruções, São Paulo: Casa do psicólogo, 2001.
4. Lacan, Jacques. O Seminário: livro 3 – As psicoses. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
5. Flores, Valdir do Nascimento. Entre o *dizer* e o *mostrar*: a transcrição como modalidade de enunciação. Organon. Linguagem e Sintoma. Porto Alegre, v.20, n.40/41, p.61-75, 2006. Semestral.
6. Barthes, R. Por que gosto de Benveniste. In: O Rumor da Língua. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1984.
7. Lacan, Jacques. Escritos. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
8. Saussure, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. Trad. Antônio Cheline, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
9. Normand, Claudine. Emile Benveniste: quelle sémantique?. LINX. Du dire et du discours, à la mémoire de Denise Maldidier, Paris X Nanterre, p. 221-238, 1996.
10. Rêgo Barros, Isabela Barbosa do. Os ecos da fala na clínica fonoaudiológica. 2006. 120f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2006.

**Recebido em** fevereiro/11; **aprovado em** julho/11.

### Endereço para correspondência

Rua Franklin Távora, 841, apt 302, bloco D, Campo Grande  
Recife, Pernambuco  
CEP 52040-050

**E-mail:** [ibelabarros@gmail.com](mailto:ibelabarros@gmail.com)

<sup>8</sup> Dispositivo que permite ao locutor transformar a língua em discurso. (Flores, Valdir do Nascimento; Barbisan, Leci Borges; Finatto, Maria José Bocorny; Teixeira, Marlene. Dicionário de lingüística da enunciação. São Paulo: Contexto, 2009)